



ID: 98839809

27-04-2022

CONVIDADO

**DIOGO SIMÕES PEREIRA**Diretor-geral da Associação
EPIS - Empresários Pela
Inclusão Social

O poder das empresas na qualificação de jovens

Os cidadãos e as empresas que se envolvem em ações de voluntariado optam, normalmente, por dois modelos alternativos, igualmente necessários e meritórios: o assistencialista, que “dá o peixe”, e o de capacitação, que “dá a cana de pesca”. Por exemplo, a guerra na Ucrânia está a mobilizar um enorme esforço de voluntariado a nível nacional, que é sobretudo de assistência, humanitária e de emergência. Gradualmente, este esforço de voluntariado irá entrar numa dimensão de capacitação e integração dos refugiados desta guerra – crianças, jovens e adultos.

A crise pandémica que se instalou nos últimos dois anos forçou muitas empresas à rápida e inesperada transição digital. Desde a adaptação dos processos de negócio aos modelos de teletrabalho ao aparecimento de novos produtos e serviços, foram diversas as novidades e as tendências impulsionadas pela pandemia que podemos observar no decorrer dos últimos tempos. Uma dessas grandes tendências está relacionada com os programas de explicações digitais. Ao longo de 2020 e, sobretudo, de 2021, muitas empresas alargaram as suas equipas de voluntários e outras empresas lançaram novos programas de explicações digitais, num formato cujas vantagens permitiram estabelecer um novo paradigma que “veio para ficar” e fazendo das potencialidades da internet o seu maior aliado dos seus negócios.

Em Portugal, desde o início da pandemia, muitos voluntários de empresas, sobretudo da região de Lisboa e Porto, que davam explicações presenciais a alunos do 3.º Ciclo e Secundário, passaram, de um dia para o outro, para formatos de explicações digitais.

Este paradigma de formação e capacitação integra diferentes benefícios transversais a todos os intervenientes envolvidos, em grande parte para as empresas que usufruem de uma série de benefícios



João Relvas/Lusa

alocados. Primeiramente, esta forma de trabalho tem custos de operação muito diminutos e traduz-se num modelo bastante flexível a nível de horários, localização, duração e frequência de cada sessão. Em segundo lugar, esta forma de apoio a alunos mais vulneráveis permite ainda uma outra relevantíssima dimensão, que chamaria de mentoria. Para a maioria dos alunos beneficiários, este voluntário/explicador poderá ser a referência que não encontram no seio da sua família e a empresa dele pode ser o sonho ou a inspiração que faz estes jovens apostarem na Educação e no prosseguimento de estudos, como alavanca para a sua “elevação social” e construção do seu caminho de realização pessoal e profissional. Assim sendo, é indiscutível a força da dimensão de responsabilidade social que este tipo de ações acarreta para o portfólio das empresas interessadas.

Não será então surpreendente que, de acordo com um projeto realizado em 2021, o perfil das empresas que participam neste género de modelo de formação: desde empre-

sas de grande dimensão, que disponibilizam créditos horários para ações de responsabilidade social, empresas de serviços com elevada carga horária semanal (auditoria, consultoria, ...), a empresas de menor dimensão com quadros de elevada qualificação e até voluntários individuais, como sejam os reformados, quadros empresariais ou professores, por exemplo. Assim sendo, quase qualquer perfil de empresa poderá ambicionar projetos de voluntariado neste âmbito e,

O investimento em processos alternativos de educação e formação pode incentivar muitos alunos a ir para além da escolarização obrigatória.

quem sabe, “colher os frutos do investimento que semeou antecipadamente”. Relevante será frisar que, na ótica da empresa, para além deste investimento ao nível da responsabilidade social do presente, estão também a investir na facilitação dos processos de integração e formação no futuro. Isto significa que ao dar explicações digitais, o profissional ficará a uma referência daquele aluno para que, talvez, no futuro, quando esse aluno ingressar no mercado de trabalho não só tenha já um contacto de mentoria como também segue já com uma ligação de maior proximidade com a empresa do profissional que o orientou.

Para além disso, se atendermos à dramática redução demográfica atual e prevista para as próximas décadas, a adequada qualificação dos portugueses, que é fundamental para alimentar os quadros das empresas, exigirá que uma ainda maior percentagem de alunos termine o secundário com sucesso e frequente algum tipo de educação pós-secundária – universitária, tecnológica ou outra. Para isso acontecer, é preciso que os alunos das famílias mais vulneráveis, incluindo os imigrantes e refugiados, atinjam esses patamares de ensino. Neste sentido, o investimento nestes processos alternativos de educação e formação pode incentivar muitos alunos a ir para além da escolarização obrigatória e amotivar os mesmos a ingressar em cursos superiores e, posteriormente, a entrar no mercado de trabalho com mais qualificações.

Assim sendo, por uma questão de responsabilidade social, mas também por uma questão vital de rejuvenescimento e mesmo de sobrevivência, as empresas têm todos os incentivos para se associarem a este tipo de iniciativas, como as explicações digitais, que contribuem decisivamente para uma maior qualificação dos jovens portugueses. ■